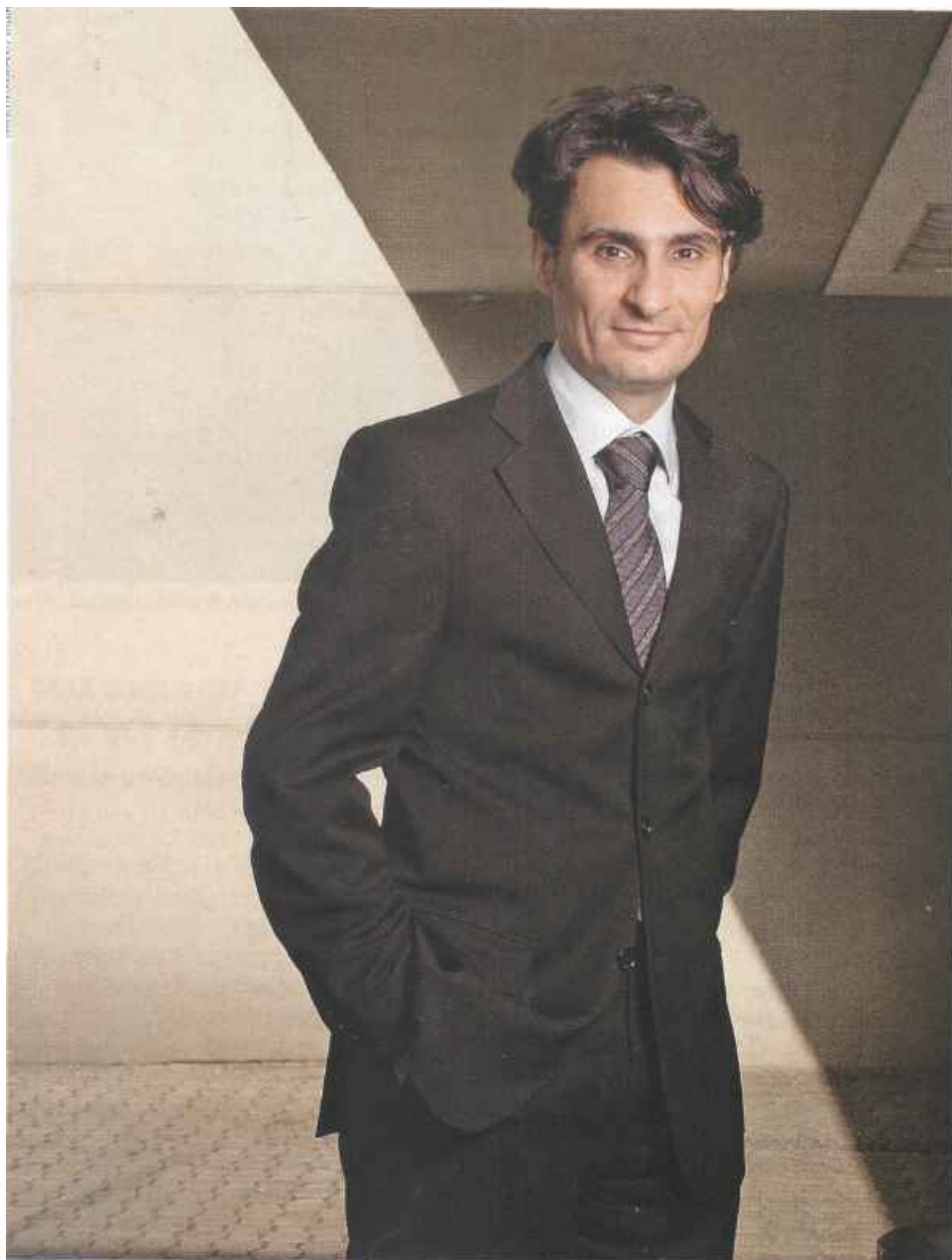


# Do etanol à biotecnologia, maior interesse pelo campo

Vários segmentos da agropecuária, inclusive o de insumos como defensivos agrícolas, estão na mira das empresas europeias



Nassar, do Icone: onda de investimentos no país nas áreas de açúcar, álcool e processamento de aves

O apetite europeu por investimentos no agronegócio brasileiro não deve ser subestimado. As empresas europeias dirigem seu foco principalmente para os setores de açúcar, álcool e biocombustíveis, agroquímicos e defensivos, toda a área da biotecnologia, com um olhar especial para o desenvolvimento de novas variedades de plantas e sementes convencionais, mas com atenção também para tecnologias transgênicas. Indiretamente, como consumidores de insumos químicos, o segmento de celulose e papel igualmente desperta interesse, avalia Weber Porto, presidente da Câmara Brasil-Alemanha e da Comissão Brasil-Alemanha de Agribusiness.

Nos últimos três ou quatro anos, André Meloni Nassar, diretor-geral do Instituto de Estudos do Comércio e Negociações Internacionais (Ícone), identifica uma onda de investimentos europeus no país, concentrada nas áreas de açúcar e álcool e de processamento de aves. Antes da explosão da crise planetária, houve a febre de projetos greenfield no setor de etanol. Esta fase perdeu fôlego nitidamente, cedendo espaço a outras estratégias baseadas em aquisições de plantas já existentes, provocando a segunda onda.

"Tivemos grandes petroleiras desembarcando no etanol, assim como a chegada de capitais espanhóis no setor", detalha Nassar, referindo-se aos projetos da British Petroleum (BP) e da Abengoa Bioenergia. Uma das maiores

empresas de energia do mundo, a BP investiu ano passado R\$ 100 milhões na aquisição de metade do capital da Tropical Bio Energia S/A, formando uma joint venture com a Santelisa Vale (25%) e Maeda (25%). A Tropical opera uma usina em Edeia (GO) com capacidade para 435 milhões de litros de álcool por ano.

Segunda maior empresa do setor sucroalcooleiro e com sérios problemas financeiros, a Santelisa Vale está a caminho de concluir sua incorporação pela LDC Bioenergia, controlada pela francesa Louis Dreyfus Commodities no Brasil. Finalizado o negócio, a LDC passaria da oitava para a segunda colocação entre os maiores fabricantes de açúcar e álcool do país, com capacidade para moer 40 milhões de toneladas. Depois de investir US\$ 149 milhões no Brasil entre 2004 e 2005 e mais US\$ 975 milhões em 2006 e 2007, distribuídos entre grãos e cana-de-açúcar, com destaque para esta última, a LD Commodities previa, 110 começo do ano, investimentos de US\$ 1,1 bilhão entre 2008 e 2010.

Há dois anos, a espanhola Abengoa desembolsou €211 milhões na compra de 100% da Dedini Agro, que tinha usinas em São João da Boa Vista e Pirassununga, com capacidade somada para 130 milhões de litros de álcool. Além do investimento, a Abengoa assumiu dívidas de €276,4 milhões, conforme comunicado distribuído à época por sua assessoria de imprensa. Atualmente, de acordo com a União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Única), as multinacionais de todas as origens dominam 12,3% da capacidade instalada de moagem de cana-de-açúcar no país.

Ao trabalhar os dados do Banco Central (BC), o Centro de Agonegócios da Fundação Getúlio Vargas (GV Agro) informa um crescimento médio de 57,2% ao ano dos investimentos em agricultura, pecuária e serviços relacionados entre 2002 e 2008, saindo de US\$ 50 milhões para US\$ 498 milhões no ano passado. Consideran-

## Soja lidera

Exportações Brasileiras do Agronegócio para a União Européia – US\$ milhões

Soy leadership Brazilian Agribusiness Exports to the European Union – in US\$ million

	1998	2008	Var. %
Complexo Soja/ Soy complex	2.870,6	7.813,5	172,2
Produtos florestais/ Forestry products	1.162,0	3.623,1	211,8
Carnes/ Meat	581,9	2.612,2	348,9
Café/Coffee	1.445,9	2.665,2	84,3
Couros e produtos de couro/Leather and leather products	556,1	1.187,5	113,5
Sucos de laranja e outros/ Orange juice and others	932,6	1.395,2	49,6
Fumo e seus produtos/ Tobacco and products	639,8	1.027,0	60,5
Frutas (Inclui nozes e castanhas)/ Fruit (including nuts and cashews)	123,0	643,7	423,3
Açúcar e álcool/ Sugar and Alcohol	80,5	901,0	1.019,3
Outros/ Others	452,7	1.907,1	321,3
<b>União Européia */ European Union *</b>	<b>8.845,1</b>	<b>23.775,5</b>	<b>168,8</b>

Fonte/Source: MAPA e/and MDIC. Elaboração/ Development: GV Agro

\*Considerou-se 27 países para União Européia em todo período/ \*Considers 27 countries for the EU throughout the period

do-se o investimento estrangeiro total, os países do bloco europeu responderam por 67% no acumulado entre janeiro e agosto deste ano, somando inversões de US\$ 5,77 bilhões. No ano passado, essa fatia havia sido de 48%, num recuo frente aos 54% anotados um ano antes.

A Comissão Brasil-Alemanha de Agribusiness, iniciativa composta por representantes dos governos e da iniciativa privada dos dois países e firmada em 2003, funciona como braço agrícola da comissão bilateral formada por Brasil e Alemanha para cooperação econômica e comércio. Desde o seu lançamento, retoma Weber Porto, que também preside a Evonik Degussa Brasil, a comissão vem envidando esforços para aprofundar temas relacionados à infraestrutura e ao agronegócio.

"Temos uma agenda completa no setor de agribusiness, desde o etanol a organismos não modificados geneticamente (non-GMOs), atuando para facilitar o comércio de produtos entre os dois mercados. Nossa missão é convencer os parceiros alemães a simplificar processos e melhorar o clima de negócios entre os dois lados", afirma Porto. Ao longo desse período, ele identifica, ainda, "pequenos avanços", lembrando, em um exemplo, a evolução positiva ocorrida nos últimos dois anos na área de produtos orgânicos, com o reconhecimento pela Alemanha do sistema de rotulagem estabelecido pelo Brasil para

o setor. No geral, prossegue ele, as conversações abrangem "temas muito complexos, como o processo de certificação do etanol. A função da comissão tem sido esclarecer pontos de vista divergentes e enriquecer o debate".

No Brasil, o Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial (Inmetro) está à frente do programa de certificação do etanol, que envolve não só a padronização do produto segundo normas acordadas entre o país e a União Européia, mas também a obediência a requisitos de sustentabilidade ambiental e social. Os primeiros testes de certificação deverão ocorrer ainda em outubro.

A conclusão desse processo, conforme expectativa do governo brasileiro, deverá contribuir para abrir mercados para o etanol lá fora, especialmente na União Européia. Entre 2000 e 2008, segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex), elaborados pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), as exportações brasileiras totais de álcool cresceram quase 69 vezes, passando de US\$ 34,78 milhões para US\$ 2,39 bilhões.

As vendas de etanol para a União Européia, considerando-se o mesmo grupo de 27 países que hoje formam o bloco econômico, de acordo com Roberto Rodrigues, coordenador do GV Agro e presidente do Conselho Superior

de Agronegócio da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), saltaram 122,3 vezes, de US\$ 5,61 milhões (16,1% dos embarques total do combustível) para US\$ 686,642 milhões (28,7% do total). "A União Européia ganhou relevância recente no comércio de etanol por conta de programas internos de mistura de biocombustíveis aos combustíveis fósseis", acrescenta Nassar.

Na visão de Porto, na medida em que o país consolida sua posição como importante player no mercado global de commodities agrícolas, participando com 36% da produção mundial de soja, segundo dados da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), a atração de investimentos estrangeiros em volumes crescentes, inclusive de empresas européias, tenderá a ser uma consequência previsível. Neste caso, no entanto, os investimentos deverão cami-

nhar menos em direção à exploração de lavouras de grãos, como a soja, e muito mais para empreendimentos, segundo Porto, que promovam maior agregação de valor na cadeia do agronegócio.

A avaliação do ex-ministro Roberto Rodrigues segue no mesmo rumo. "A agregação de valores pode se transformar em um ponto de atração de investimentos estrangeiros e deveria ser uma questão que o país teria de tratar carinhosamente". Esse tende a ser um dos caminhos a ser percorrido pela indústria européia, onde Rodrigues verifica uma tendência de desaceleração no processo histórico de concentração industrial, seja por questões ambientais e de custos, seja por um esgotamento do espaço físico para comportar ampliações.

Rolf-Dieter Acker, presidente da Basf para a América do Sul, corrobora o ponto de vista de Porto. Para ele, a região como um todo e o Brasil em particular, já que o país representa mais de 60% da produção agrícola da América do Sul, deverão se tornar, "em três ou quatro anos, os maiores produtores de alimentos e de commodities agrícolas". Esse processo havia sido vislumbrado na fase pré-crise, quando as cotações das chamadas "soft commodities" entraram em alta, respondendo ao crescimento da demanda mundial.

O crescimento da população ao redor do planeta e as condições propícias ao avanço do agronegócio no Brasil, na opinião de Acker, deverão dar sustentação a seus prognósticos. "Não é só por causa do clima ou do solo, mas também em função das novas tecnologias que estão surgindo para o milho, a soja e a carta, entre outras culturas", reforça o presidente da Basf. O agronegócio representa, aproximadamente, 30% do portfólio da multinacional alemã no país.

"Estamos preparados para responder a esse crescimento", diz Acker. O planejamento estabelecido pela Basf para o Brasil contempla investimentos de €50 milhões entre 2008 e 2010, envolvendo

ampliação da capacidade de produção de defensivos agrícolas e inversões em logística. Até 2012, a empresa prevê investimentos de €200 milhões em toda a América do Sul, concentrando a aplicação desses recursos principalmente nas unidades de São Bernardo do Campo e Guaratinguetá (SP), cidade que abriga o principal centro produtivo da multinacional na América do Sul, com 13 unidades e um portfólio de mais de 1,5 mil produtos.

No final de outubro de 2007, a Basf colocou em operação, no complexo químico de Guaratinguetá, seu laboratório global de estudos ambientais e segurança alimentar num investimento, à época, de €3,15 milhões. Este foi o terceiro centro de pesquisas da multinacional - os outros dois estão localizados nos Estados Unidos e na própria Alemanha.

Os ensaios de campo são realizados nas estações experimentais da Basf em Santo Antônio da Posse (SP) e Ponta Grossa (PR) e as amostras colhidas ali são encaminhadas para o laboratório, onde será investigado o comportamento das substâncias ativas dos defensivos, impactos ambientais e sobre a saúde humana.

Também desde 2007, a Basf mantém parceria com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) para o desenvolvimento de variedades transgênicas de soja resistente a herbicidas. O projeto prevê investimentos de R\$ 3,5 milhões em desenvolvimento propriamente dito e outros R\$ 10 milhões em estudos científicos, conforme destaca Acker. O executivo estima que o produto deverá estar pronto para desembarcar no mercado em um prazo de três a cinco anos.

Como parte dos investimentos totais projetados para o país até 2010, no início de agosto deste ano, a Basf firmou acordo de cooperação técnica com o Centro de Tecnologia Canavieira (CTC) na área de biotecnologia vegetal. A proposta é desenvolver, nos próximos dez anos, de acordo

Rodrigues, da FGV: luz para retomada das negociações com o Mercosul



com Acker, cultivares de cana-de-açúcar com rendimento 25% mais elevado que as variedades no mercado e tolerantes ao stress hídrico. O presidente da Basf lembra que essa é a primeira iniciativa da multinacional no segmento de cana-de-açúcar transgênica.

Embora o mercado europeu responda por algo em torno de 30% das exportações do agronegócio brasileiro, Weber Porto aponta que a região "ainda não tem uma visão totalmente fechada em relação ao setor, preservando um sistema protecionista muito difícil de ser rompido". Os avanços têm sido lentos e praticamente só têm sido registradas dificuldades desde a tentativa frustrada de aproximação entre o bloco europeu e o Mercosul em 2004, recorda André Nassar. Este dado parece explicar, por exemplo, porque a fatia da

União Européia nas vendas externas do agronegócio encolheu de 43% em 1997 para 33% no ano passado, voltando a recuar para 30% no acumulado dos primeiros oito meses deste ano.

Ele aponta a existência de contenciosos importantes com comércio de café solúvel, lembrando que o Brasil, neste caso, é o único país obrigado a recolher uma tarifa ad-valorem de 9%, além de notórios problemas com carne bovina, frango e, mais recentemente, também etanol. As exigências de rastreabilidade fizeram desabar as exportações brasileiras de carne bovina para o bloco de US\$ 1,45 bilhão em 2006 para US\$ 720,84 milhões no ano passado, um tombo de 50,2%. A perda relativa de importância vem de mais longe. Em 2000, o Brasil destinava à União Européia perto de

61% de suas exportações de carne bovina, percentual que sofreu redução para 40,4% em 2004, baixando até 36,9% em 2006 e 31,7% no ano seguinte. Em 2008, o bloco recebeu apenas 13,7% dos embarques brasileiros.

Roberto Rodrigues vê alguma luz nesta área ao indicar que emissários da Comissão Européia, braço executivo da União Européia, teriam procurado a chancelaria brasileira antes mesmo da reunião de cúpula ocorrida no início de outubro, em Estocolmo, entre o bloco europeu e o Mercosul, para retomarem as negociações entre as duas partes interrompidas em 2004. "O importante é que, desta vez, a iniciativa foi deles e as ofertas parecem interessantes, o que poderá favorecer o surgimento de oportunidades de investimentos", avalia o ex-ministro.

**AGRIBUSINESS** BY LAURO VEIGA FILHO

## MORE APPETITE FOR BRAZILIAN AGRIBUSINESS

European companies eye ethanol, sugar, agrochemicals and biotechnology, among others

The European appetite for investments in Brazilian agribusiness should not be underestimated. European companies are taking aim at sectors like sugar, ethanol and biofuels; agrochemicals; and the biotechnology field, with a particular interest in developing new varieties of conventional plants and seeds, but also genetic engineering technologies. Indirectly, as consumers of chemical inputs, the paper and pulp segment also arouses interest in the opinion of Weber Porto, president of the Brazil-Germany Chamber of Commerce and Industry and of the Brazil-Germany Agribusiness Committee.

André Meloni Nassar, director-general of the Institute for International Trade Negotiations (Icône), has identified a wave of European investments over the last three to four years, chiefly in the areas of sugar and ethanol, and poultry processing. The rush of ethanol greenfield projects has abated since the global crisis, and the focus has shifted to the acquisition of existing plants.

"We witnessed major oil companies entering ethanol, as well as Spanish capital in the sector," says Nassar, referring to British Petroleum (BP) and Abengoa Bioenergia. BP invested R\$ 100 million in 2008 in the acquisition of a 50% stake in Tropical Bio Energia SA, which operates a mill in Edeia (Goiás State) with a 435 million liter annual ethanol production capacity.

After financial difficulties, Santelisa Vale, Brazil's second largest sugar and ethanol company, will soon be absorbed by LDC Bioenergia, controlled by French company Louis Dreyfus Commodities. After investing in excess of US\$ 1 billion in Brazil between 2004

and 2007, at the start of this year LDC was forecasting further investments of US\$ 1.1 billion over the 2008-2010 period.

Two years ago, Spanish company Abengoa shelled out 211 million to buy out Dedini Agro. Multinationals currently control 12.3% of the country's installed capacity, according to the Sugarcane Industry Association (Unica).

Working with data from the Central Bank, the Agribusiness Center of the Fundação Getúlio Vargas (GV Agro) found that between 2002 and 2008, investments in agriculture, livestock and related services rose an average 57.2% annually. EU countries alone invested US\$ 5.77 billion between January and August 2009.

The Brazil-Germany Agribusiness Committee is the agricultural arm of the bilateral committee created by the two countries to promote economic cooperation and trade. "We have a full agenda in the agribusiness sector from ethanol to non-GMOs and work to facilitate trade between the two markets. Our mission is convincing our German partners to simplify processes and improve the business climate between the two sides," says Weber Porto.

Rolf-Dieter Acker, president of BASF for South America, states that the region as a whole and Brazil in particular should become, "in three or four years, the largest producers of food and agricultural commodities." He believes that the growth in the world's population and the progress of agribusiness in Brazil provide the grounding for his predictions. "It's not just the climate or the soil. It's also because of new technologies that are emerging for corn, soy, sugarcane and other crops," he says.